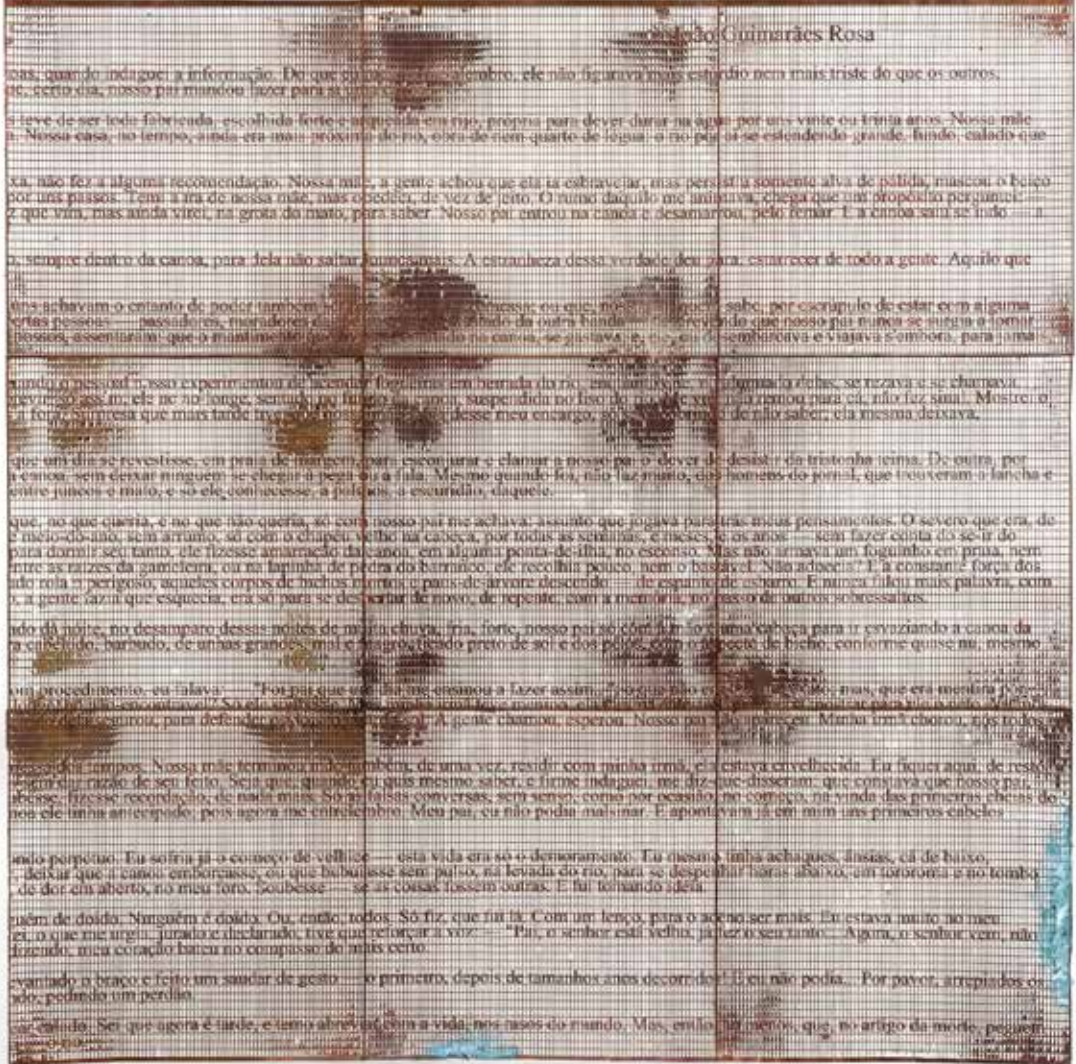
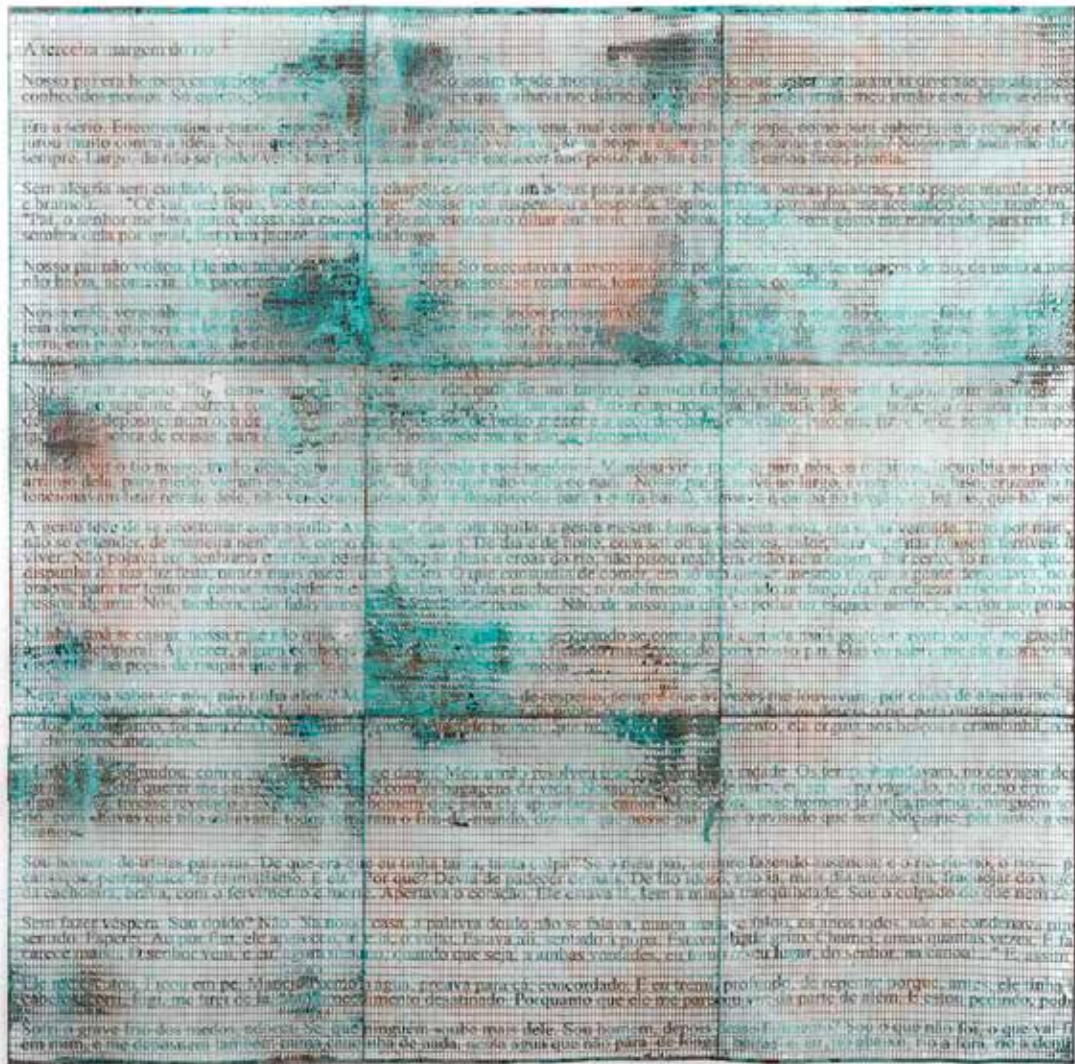


12 DE SETEMBRO DE 2018

Hilal Sami Hilal

fora da palavra

CASSIA BOMENY
GALERIA



Diptyco série Terceira margem, 2018 | cobre, corrosão e oxidação, 150 x 150 cm (cada)



Hilal Sami Hilal — fora da palavra

Vanda Klabin

CURADORA

Meu trabalho é como uma partitura, onde vou escrevendo os ritmos. – Hilal Sami Hilal

Ao longo de décadas, Hilal Sami Hilal trabalha com diversas linguagens artísticas, materiais e universos heterogêneos, em um ritmo flexível e intenso de expansão. O tratamento a que submete as superfícies sempre se constitui como um *vir a ser*, como uma experiência de natureza fluida, móvel, uma incompletude da forma, indefinida nos seus procedimentos de trabalho, mas que impõe sua sólida presença.

Utiliza diversas experimentações: pintura, gravura, desenhos, obras sobre papel, esculturas, objetos, entre outros. Articula vários campos de ação nas suas obras, não aderindo de forma decisiva aos diferenciados movimentos artísticos, e manteve o núcleo poético do seu trabalho livre e disponível para buscar os seus próprios desdobramentos. A singularidade de sua trajetória movimentada e inquieta é surpreendente e tem sido um processo permanente de pesquisa. Sua obra, vasta e complexa, desenvolve-se em um território de significações ambíguas, muitas vezes repletas de muitas questões que permeiam os conceitos fundamentais

do território plástico. Os elementos de interferência e dissolução parecem ser uma constituinte do seu trabalho, colapsam o entendimento, geram novas disponibilidades plásticas e uma nova gramática de formas. O fazer artístico de Hilal envolve todo um sistema de signos cifrados que ganham cores e formas nesta exposição e fazem parte de sua mitologia pessoal.

Nascido em Vitória, no Espírito Santo, em 1952, é descendente de uma família síria, e teve a sua formação em artes plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sendo professor durante vinte anos. Na década de 1970, estuda gravura em metal, aquarela e, sobretudo, artes da fibra, devido ao seu interesse pelo papel artesanal, razão que motivou sua viagem ao Japão para aperfeiçoar suas pesquisas. O artista, que fundou a cadeira de Estudo do Papel na Universidade Federal do Espírito Santo, desde sempre confeccionou o seu principal material de trabalho: o papel, a matéria-prima para a sua obra, passa a fabricar o papel artesanal, espesso e em camadas, tendo como base uma pasta de

algodão feita de roupas velhas de amigos e familiares. Para desenhar utiliza a pasta de papel em uma bisnaga de confeitiro, que tem a aparência de um rendilhado, como a caligrafia árabe, utilizado como uma forma de equivalência poética para expressar a sua linguagem plástica.

Hilal trouxe sempre à tona uma constelação de informações e referências na qual sua obra se movimenta, sempre impulsionada pela necessidade irrequieta de explorar novos caminhos na sua produção. Seu trabalho encontra seus acordes na relação entre a palavra e a imagem, nas interseções entre artes visuais e literatura. O mundo das palavras é uma presença constante, quase como um retorno cíclico, mas transfigurado e transposto em outras possibilidades, outros grupamentos. O artista mergulha na literatura, que está no processo de constituição da forma e traz à superfície uma experiência condensada, derivada da escrita de Guimarães Rosa, objeto privilegiado da sua reflexão e de uma introspecção sensível, que funde ao seu trabalho a vitalidade e a fluidez de um pensamento, a criação de um espaço tátil aliado a uma demorada artesanaria.

A terceira margem do rio, narrativa misteriosa, enigmática e breve, do conto do livro de Guimarães Rosa intitulado *Primeiras estórias*, publicado em 1962, é o ponto de partida, o elo produtivo entre a ordem abstrata

dos elementos visuais e a natureza corpórea da sua obra, através de uma construção de palavras em uma modulação infinita no processo de constituição das formas. Hilal rompe com os aspectos descritivos e narrativos, pois a obra não tem mais relação com a representação, contempla uma transposição caligráfica focada no texto, agora em oxidação metálica. Junta uma palavra com a outra, uma materialidade da equivalência do pensar, verdadeiros signos linguísticos, que geram nova visualidade gráfica palpável, perceptível, que brota em vigorosas partículas e, ao mesmo tempo, intensifica o vazio.

Trabalhar com signos linguísticos, tramas de caligrafias, frases, letras escritas ou a palavra, foi sempre uma questão central para o pensamento do trabalho de Hilal. O fio argumentativo se constitui dentro da literatura, e as letras ganham corpo no seu verso e reverso, sugerem um jogo de oposições entre permanência e transitoriedade, introduzindo Guimarães Rosa em outro campo estético. A caligrafia de Hilal é a tal ponto transparente que vai diretamente ao essencial de seu impulso poético. As palavras, densas e divididas em segmentos horizontais e verticais, portam um silêncio sóbrio, contêm-se umas nas outras, mantendo um lugar intervalar entre os campos existentes nas numerosas grades sequenciais.



A vastidão do repertório de palavras condensa a sua poética em algum ponto, onde o olhar encontra uma solidez. Na iminência de uma dissolução, as palavras se consolidam e ganham uma presença permanente em novos territórios geográficos. Ali presentes, suspensos *entre*, quase em risco, são incertezas que fascinam, quase esculturas evaporadas. Criam movimentos imprevisíveis de um pensamento que presentifica fragmentos do texto original, trazendo constelações de letras e signos gráficos.

O espaço vazio e a linha se tornam parceiros equivalentes, condensados numa matéria porosa em grades quadriculadas, acrescidas de um suporte frágil pendente do teto do ambiente expositivo até o chão, em um ponto afastado da parede, trazendo uma suposta intimidade, e que parecem vibrar ao mais leve rumor do ar ou da presença física de uma pessoa. A caligrafia esgarçada cria uma presença matérica ou momentos de maior concentração, ampliando a dissolução até os limites que tornam quase irreconhecíveis seus princípios iniciais.

Os elementos de interferência e dissolução parecem ser uma constituinte do seu trabalho, em que uma atmosfera difusa de escrita fragmentária toma conta do espaço. E não cessa de produzir seus silêncios, um vazio espesso e uma realidade plena de opacidades pela corrosão do material e pela oxidação das imagens e das letras.

Nessa encruzilhada, a dialética da ausência e da presença, do cheio e do vazio, do fixo e do móvel, cria relações de textura e movimento. O espaço é tensionado por um sistema de opostos, pela continuidade e descontinuidade da linha, e os fundamentos do ritmo interno de suas obras estão presentes na delicadeza das superfícies e nas transparências e filamentos, que criam texturas quase sensoriais, articulações infinitas que trazem espessura ao fluxo do trabalho, como desnarrativas, uma malha flutuante para o olhar. São momentos diferenciados que ganham respiração, como se o instante se debatesse, adquirisse um rumor da natureza, criando uma mistura de linguagens que alimenta a pulsão do olhar na fronteira dessas experimentações.

Hilal revela a riqueza de sua linguagem plástica, na qual dimensões quase inexploradas entre o sensível e a matéria consolidam uma estética refinada que confere grandiosidade silenciosa às pequenas dimensões com as quais trabalha. Explora a ideia do efêmero como passageiro, transitório e parece guardar uma imediaticidade da experiência e reter o singular. Esses fragmentos da linguagem literária são o agente do espaço, presenças enigmáticas, que tecem um imprevisível diálogo visual, um sistema de signos que necessita ser ainda decifrado.



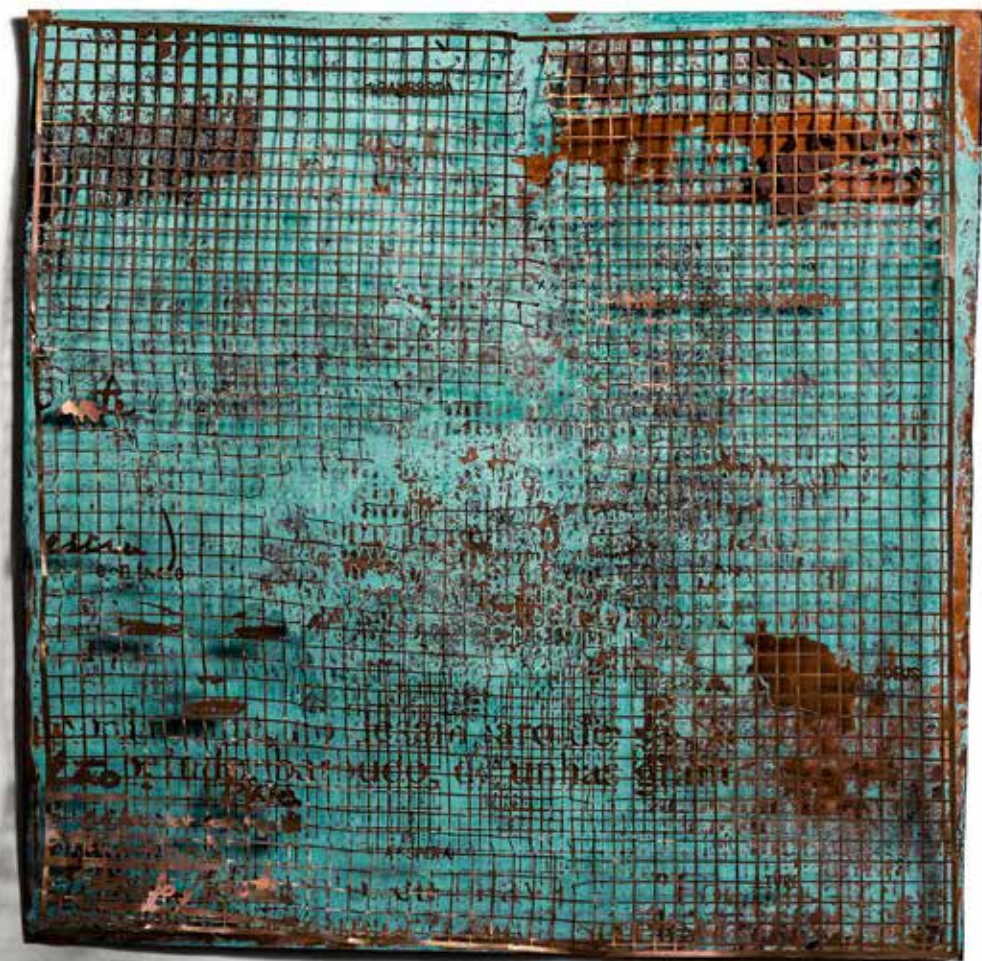
Sem título, série Terceira margem, 2018 | cobre, corrosão e oxidação, 50 x 50 cm



Sem título, série Terceira margem, 2018 | cobre, corrosão e oxidação, 50 x 50 cm



Sem título, série Terceira margem, 2018 | cobre, corrosão e oxidação, 50 x 50 cm



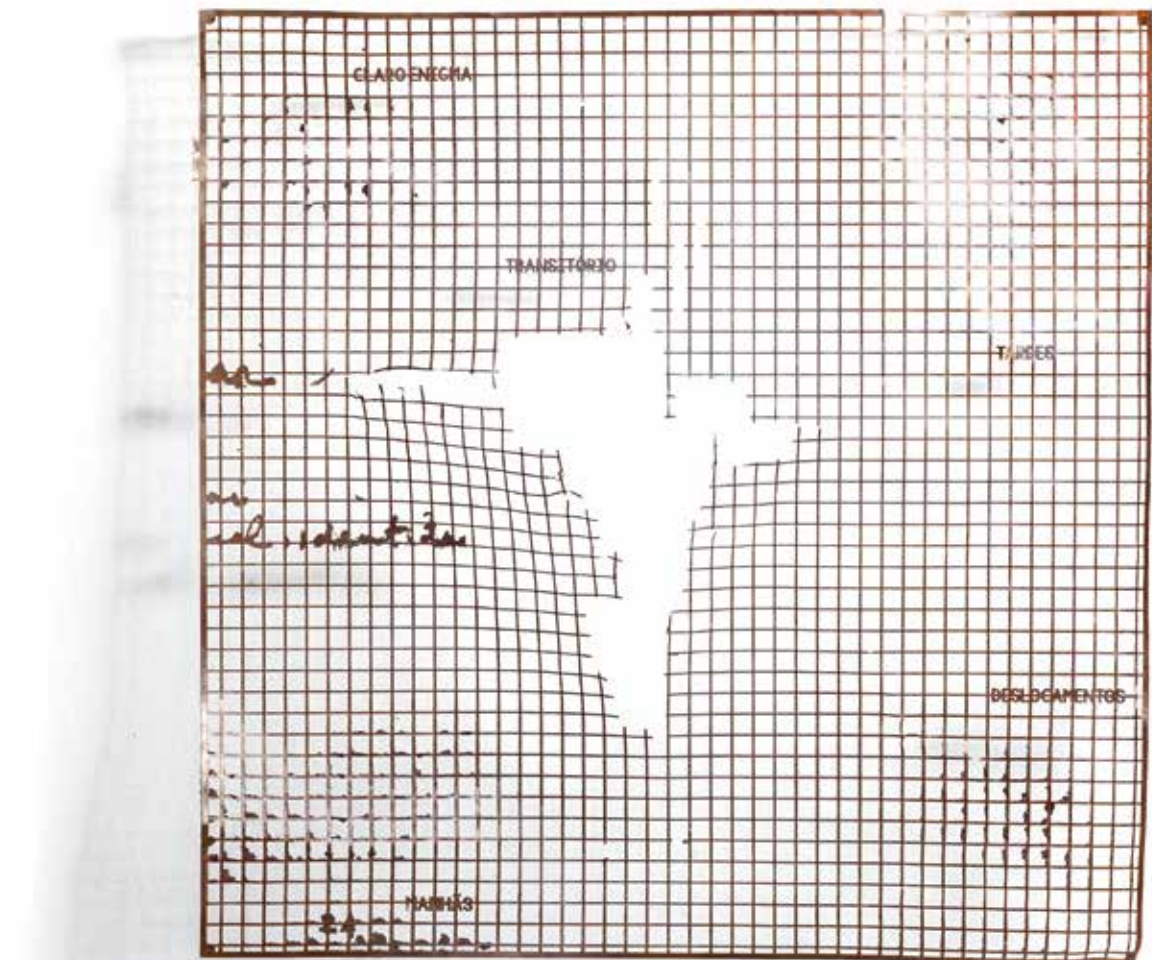
Sem título, série Terceira margem, 2018 | cobre, corrosão e oxidação, 50 x 50 cm



Sem título, série Terceira margem, 2018 | cobre, corrosão e oxidação, 50 x 50 cm



Múltiplo série Terceira margem, 2018 | cobre e corrosão, 36 x 29 cm | ed. 4/30



Sem título, série Terceira margem, 2018 | cobre e corrosão, 50 x 50 cm

[Faded handwritten notes in the upper left section, mentioning 'placenta' and 'solido']



[Handwritten text below the cylindrical drawing, including 'EXPOSICAO' and 'logos']

[Faded handwritten notes in the bottom left corner]

[Handwritten notes on the left side, mentioning 'Sertão' and 'canção']

[Handwritten notes in the lower middle section, including 'Vulturas' and 'gestos']



[Handwritten notes around the circular drawing]



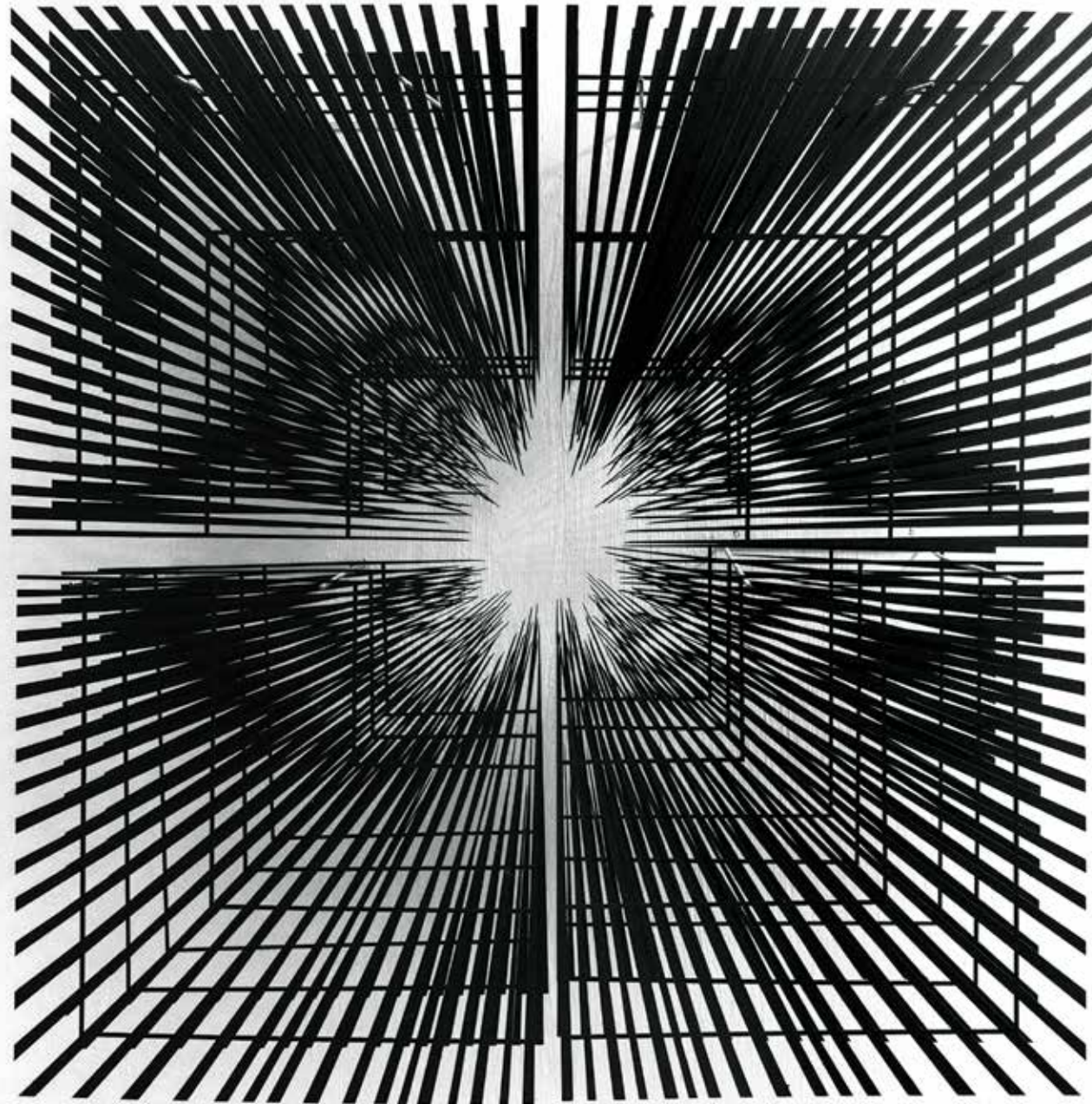
LOGOS ALGUM INDIVIDUALIZADO
CIUDAD
EXPOSICAO
DOM
DIA
METAFORA
DESCOBER
PERDA
A ABSENÇIA
A CASA
O ENIGMA
ENIGMA
DISCRETO

MEUP
MEUF
ADE
AVOZ
ENCANTAMENTO A ESP
CONDICAO HUMANA A EMAGRELI
O SILENCIO
INCOMPRE
O LUTO
SPRADAES QUINTADA
O LABIRINTO
A DESPEDIDA LIVRE
O VAL
A DE V.S
DELIN
MARGENS FORA DA PAI
TRANSFORMA
O TE

CONDICAO HUMANA A EMAGRELI
O SILENCIO
INCOMPRE
O LUTO
SPRADAES QUINTADA
O LABIRINTO
A DESPEDIDA LIVRE
O VAL
A DE V.S
DELIN
MARGENS FORA DA PAI
TRANSFORMA
O TE
CONDICAO HUMANA A EMAGRELI
O SILENCIO
INCOMPRE
O LUTO
SPRADAES QUINTADA
O LABIRINTO
A DESPEDIDA LIVRE
O VAL
A DE V.S
DELIN
MARGENS FORA DA PAI
TRANSFORMA
O TE

páginas anteriores:
Sem título, série *Terceira margem*, 2018 | cobre e corrosão, 200 × 300 cm

ao lado:
Série *Deslocamentos*, 2018 | PS de alto impacto, corte a laser e pigmentos, 100 × 100 cm





Atlas II, 2014 | papel de algodão feito a mão com pigmentos | 100 x 100 cm (fechado)

Hilal Sami Hilal — Beyond Words

Vanda Klabin

CURATOR

For decades, Hilal Sami Hilal has worked with many artistic languages, materials and heterogeneous universes, in an intensely flexible rhythm of expansion. The treatment to which he submits the surfaces is always constituted as *a becoming*, as an experience of fluid, mobile, nature, an incompleteness of form, undefined in its work procedures, but that imposes its solid presence.

The artist experiments in several forms: painting, engraving, drawings, works on paper, sculptures, objects, among others. He articulates many fields of action in his works, not joining different artistic movements in a decisive manner, and he has kept his work's poetic chore free and available to seek its own unfolding. The singularity of his busy and restless trajectory is astonishing and has been a permanent process of research. His work, vast and complex, develops itself in a territory of ambiguous meanings, often filled with many questions that encompass the fundamental concepts of the plastic territory. The elements of interference and dissolution seem to constitute his work, they collapse the understanding, generate new plastic availabilities and a new grammar of forms. Hilal's artistic making implicates a whole system of encrypted signs that gain colors and forms in this exhibition and are a part of his personal mythology.

Born in Vitoria, in the state of Espírito Santo, in 1952, he descends from a Syrian family and had an education in visual arts

at the Espírito Santo's Federal University (UFES), where he was a teacher for twenty years. In the 70's, he studies metal engraving, watercolor, and specially, arts of the fiber, due to his interest in artisanal paper, the reason that motivated his trip to Japan to perfect his researches. The artist—that founded a Chair in Paper Study at Espírito Santo's Federal University—, has always manufactured his main material of work: paper, his work's primary material. He starts making artisanal paper, thick and in layers, as a base, using cotton paste made of old clothes of family and friends. To draw, he uses cotton paste in a pastry tube, creating what looks like lace, like Arabic calligraphy used as form of poetic equivalence to express plastic language.

Hilal unveiled, a constellation of information and references in which his works moves through, always driven by the restless need to explore new paths in his production. His work finds correspondences in the relation between word and image, in the intersections between visual arts and literature. The world of the word is a constant presence, almost a cyclic return, but transfigured and transposed in other possibilities, other clusters. The artist dives in literature, which is in process of the constitution of form and brings to the surface a condensed experience, derived from the writing of Guimarães Rosa, a privileged object of his reflection and of sensitive introspection, that merges with his work

*My work is like a musical score
where I go on writing the rhythms.*

– Hilal Sami Hilal

combining the vitality and fluidity of a thought, the creation of a tactile space allied to a long craftsmanship.

The third bank of the river, a mysterious enigmatic and brief narrative, the short story of Guimarães Rosa's book *First Stories*, published in 1962, is the start point, the productive link between abstract order of visual elements and the corporeal nature of his work, through a construction of words in an infinite modulation in the process of the constitution of forms. Hilal moves away from the descriptive and narrative aspects, for the work is no longer related to representation, it contemplates a calligraphic transposition focused on the text, not on metallic oxidation. He brings together one word with the other, a materiality of the equivalence of the thinking, true linguistic signs that generate new, palpable, perceptible graphic visuality, that emerges in vigorous particles and, at the same time, intensifies the void.

To work with linguistic signs, calligraphic meshes, sentences, written letters or the word, was always a central question to the reflection of Hilal's work. The argumentative thread is constituted inside literature, and the letters gain a body in its verse and reverse, suggest a game of oppositions between permanence and transience, introducing Guimarães Rosa to another aesthetic field. Hilal's calligraphy is so transparent that it goes directly to the essential of his poetic drive. The words, dense and divided in horizontal and vertical segments, carry a sober silence, restraining themselves in each other, keeping a span place among the existing fields in the numerous sequential grids.

The vastness of the word's repertoire condenses its poetic to some point where the gaze meets solidness. In the imminence of a dissolution, the words consolidate and gain a permanent presence in new geographic territories. Present there, suspended *in between*, almost at risk, are uncertainties that fascinate, almost evaporated sculptures. They create unpredictable movements of a thought that bring out fragments of the original text, bringing constellations of letters and graphic signs.

The empty space and the line become equivalent partners, condensed in a breathable matter in checkered grids, increased of a fragile support hanging from the ceiling of the expositive environment, and that seem to vibrate to the slightest rumor of air or at the physical presence of a person. The frayed calligraphy creates a material presence or moments of bigger concentration, amplifying the dissolution until the boundaries that dissolve into his almost unrecognizable first principles.

The elements of interference and dissolution seem to belong to his work, where a diffuse atmosphere of fragmentary writing takes over the space. These elements keep producing silences, a thick void and a reality full of opacities, due to the metal's corrosion and the images' and letters' oxidation.

In this crossroad, the dialectic of absence and presence, of empty and full, of mobile and static, creates relations of texture and movement. The space is tensioned by a system of opposites, by continuity and discontinuity of the line, and the principles of internal rhythm of his works are present in the fineness of the surfaces and the transparencies of the strands that create almost sensorial textures, infinite articulations that bring thickness to the workflow, like non-narratives, a floating mesh to the gaze. They are differentiated moments that gain breathing, as if the moment struggled, acquired a rumor of nature, creating a mix of languages that feeds the gaze's drive on the edge of these experimentations.

Hilal unveils the richness of his plastic language, in which almost unexplored dimensions between the sensitive and the matter consolidate a refined esthetic that grants silent greatness to the small dimensions with which he works. He explores the idea of ephemeral as passing, transitory and seems to keep an immediacy of experience and retain the unique. These fragments of literary language are the agent of space, enigmatic presences, that weave an astounding visual dialogue, a system of signs that need yet to be deciphered.

direção **Cassia Bomeny**
curadoria **Vanda Klabin**
tradução **Aïcha Barat**
assessoria de comunicação **Beatriz Caillaux**
fotos **Bruno Coelho – F/Still Fotografia**
design **Verbo Arte Design**
impressão **Sol Gráfica**

CASSIA BOMENY **GALERIA**

Rua Garcia D'Ávila, 196
Ipanema, Rio de Janeiro
+ 55 21 3085 3000
+ 55 21 97390-5995
cassiabomeny.com.br